**O Despertar da Nação Açoriana: Uma Comparação com o Québec**

Artigo de Opinião por Joseph Soares

Nascido no seio de pais açorianos que emigraram para o Quebeque, conheci, desde cedo, a dupla realidade da identidade regional forte. Por um lado, a herança açoriana dos meus pais; por outro, a cultura e a língua francesa que são a pedra basilar do Quebeque. Em 2006, eu era um conselheiro no governo de Stephen Harper, o então Primeiro-Ministro do Canadá, quando tive o privilégio de testemunhar o governo a declarar que ["esta Casa reconhece que os Quebequenses formam uma nação dentro de um Canadá unido"](https://www.cbc.ca/news/canada/quebecers-form-a-nation-within-canada-pm-1.624141). Continuaria a servir como conselheiro do Primeiro-Ministro Harper entre 2008 e 2010. Mesmo que a declaração parlamentar tenha sido mais simbólica do que impactante, sublinhou o carácter distintivo daquela população francófona .

Ao longo da sua história recente, o Quebeque negociou, por meio de acordos administrativos com os seus correspondentes do governo federal, um maior controlo sobre muitos aspectos da sua existência. A autonomia do Quebeque em [assuntos de imigração](https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/politique-du-quebec-immigration) é um exemplo impressionante. Com base [no Ato da Constituição de 1867](https://laws.justice.gc.ca/eng/const/section-95.html), o governo provincial negociou mais poder nesta área entre 1971 e 1991. A mudança mais significativa veio com o Acordo Gagnon-Tremblay-McDougall (1991), que deu ao Quebeque o total controlo sobre a seleção de imigrantes económicos.

Em contraste, os Açores, como parte de Portugal, operam dentro do quadro da política de imigração da União Europeia. Esta política tem sido objeto de um intenso debate, como evidenciado pelas experiências da Grã-Bretanha e outros membros da União. Se a União quiser evitar outras situações de saída, será necessário um novo entendimento sobre a política de imigração.

Os Açores, portanto, têm um papel a desempenhar nesta conversa. Enquanto região autónoma de Portugal, devemos considerar se estamos a explorar plenamente a nossa autonomia, e como podemos contribuir para moldar as futuras políticas de imigração da União Europeia, de uma forma que beneficie a nossa região, cultura e, mais importante ainda, o nosso futuro económico. É no nosso futuro económico que se encontra o alicerce para assegurar a nossa sobrevivência e prosperidade.

[Desde 1992, outro acordo capacita o Quebeque a cobrar todos os impostos sobre vendas](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http:/www.finances.gouv.qc.ca/documents/Autres/en/AUTEN_Tax-agreement.pdf), equivalentes ao nosso imposto sobre o valor acrescentado (IVA), proporcionando uma maior autonomia fiscal em relação ao governo central.

Olhando para o nosso arquipélago, vejo semelhanças com o Quebeque e sinto que é tempo de um despertar para a nação açoriana. O que aconteceria se os Açores tomassem o controlo de aspectos semelhantes da sua governação, tal como o Quebeque?

Assim como o Quebeque, os Açores poderiam assumir maior controlo sobre mais aspectos da sua governação. Enquanto região autónoma de Portugal, devemos considerar se estamos a explorar plenamente essa autonomia.

Os Açores têm uma rica história e tradição cultural, a par com uma geografia única e uma biodiversidade excepcional. Tal como o Quebeque, os Açores têm potencial para afirmar a sua identidade e reclamar mais controlo sobre o seu destino. A imigração poderia ser um desses domínios, ajudando a moldar a identidade futura dos Açores e a fortalecer a sua economia.

Porém, é preciso equilíbrio. Tal como no Quebeque, é importante garantir que a imigração seja realizada de uma forma que respeite e valorize a cultura e a língua existentes. Os Açores são, acima de tudo, açorianos. Qualquer mudança futura deve ter isto em mente, valorizando e respeitando a história e a cultura açorianas.

[Como escrevi recentemente](http://diariodosacores.pt/NewsDetail/ArtMID/380/ArticleID/12466/Mais-m227o-de-obra-Chame-os-seus-Filhos), na era da globalização e do trabalho remoto, é tempo de convidar os nossos expatriados açorianos a regressar à mãe-pátria. Poderíamos colmatar as nossas lacunas de mão-de-obra oferecendo serviços que apoiem o seu retorno bem-sucedido. Esta estratégia reforçaria o nosso património cultural, enriqueceria o nosso tecido social e investiria no nosso futuro económico. Afinal, **ao darmos prioridade aos nossos próprios filhos, fortalecemos a nossa nação, e os Açores serão mais fortes com a família reunida.**

Os Açores podem aprender com a experiência do Quebeque, adaptando-se e modelando-se ao seu próprio contexto. Não se trata apenas de replicar a fórmula do Quebeque, mas de considerar as lições aprendidas e aplicá-las de maneira a valorizar o nosso património único. Devemos também refletir sobre o papel crucial que os açorianos da diáspora, como eu, podem desempenhar nesse processo. A nossa experiência internacional e a nossa conexão com os Açores podem ser recursos valiosos à medida que buscamos reforçar a nossa identidade e soberania.

A autonomia dos Açores não deve ser entendida como uma rejeição de Portugal, mas como um abraço ao nosso direito de traçar o nosso próprio caminho. Da mesma forma, quando o Quebeque reivindicou maior controle sobre a sua imigração e fiscalidade, não estava a rejeitar o Canadá, mas a afirmar o seu direito de moldar o seu futuro de acordo com as suas necessidades e aspirações.

Os Açores devem começar a pensar a sério sobre o seu futuro, sobre como querem modelar a sua identidade e proteger o seu património cultural e natural. Precisamos de um debate aberto e honesto sobre o que significa ser açoriano no século XXI e como podemos melhor promover os nossos interesses coletivos.

O nosso ilustre Antero de Quental acreditava num futuro onde a felicidade e o progresso andavam de mãos dadas. Agora, cabe-nos a nós, açorianos, abraçar esse futuro, e dar os passos necessários para o tornar realidade. É tempo de despertar a nossa consciência política e cultural, de reivindicar o nosso direito de determinar o nosso destino e de reafirmar a nossa identidade única.

Espero que este apelo ao despertar da nação açoriana, inspirado na minha experiência e na do Quebeque, possa incitar um diálogo produtivo e uma reflexão profunda sobre o futuro dos Açores. A nossa identidade é a nossa força, e a autonomia é o nosso caminho para construir um futuro que honre a nossa história e a nossa cultura.

Para aqueles que possam afirmar que a independência é o único caminho, eu digo isto: Como parceiros iguais, podemos ser mais fortes juntos. Temos mais em comum do que diferenças. No entanto, se as nossas tentativas de uma conversa construtiva continuarem a ser um monólogo, serei o primeiro a agradecer aos nossos parentes continentais por ajudarem a Nação Açoriana a confirmar o velho ditado: é melhor estar sozinho do que mal acompanhado.

[***Joseph Soares***](https://josephsoares.com)*é um ex-conselheiro do antigo Primeiro Ministro do Canadá, Stephen Harper. Nasceu no Quebec, filho de pais açorianos, e tem um profundo interesse pela cultura e história dos Açores.*